

ESPORTE E CINEMA:

POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

DR. HAMILCAR SILVEIRA DANTAS JUNIOR

Doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia
Professor do Departamento de Educação Física da
Universidade Federal de Sergipe
Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da
Universidade Federal de Sergipe

Resumo | Entendendo que o cinema, o esporte e a escola são símbolos da modernidade, de uma era pautada no visual, no espetacular. Partindo do pressuposto que cinema e esporte podem realizar um diálogo mais profícuo no seio escolar e relatando experiências realizadas nos últimos cinco anos no Curso de Educação Física da UFS, o objetivo deste texto é construir possibilidades pedagógicas de uso do cinema na Educação Física escolar em uma educação para a arte, pela arte e para além da arte estimulando novos olhares acerca da vida. A proposta infere que através da arte é possível envolver a escola em diálogos interdisciplinares, em espaços propícios para a assistência dos filmes e para debates estimulantes nos quais a busca do equilíbrio entre razão e sensibilidade torna-se o caminho para a autonomia.

Palavras-chave | Cinema; Esporte; Educação Física.

Esse texto parte do princípio que a modernidade nos legou uma civilização profundamente imagética que exige ver e ser vista, sendo a expressão corporal, notadamente o esporte, a materialização visual desse modelo civilizacional.

Cinema, esporte e escola são símbolos concretos da modernidade que dialogam constantemente, nem sempre de modo explícito. O cinema é uma atividade educativa por excelência. Sua capacidade narrativa se transmuta em uma didática inebriante para formar percepções do mundo. Por sua vez, as artes adentram o seio escolar vinculado à disciplina “Educação

Artística” ou aos eventos promovidos por outras áreas e que envolvam pintura, música, teatro, fotografias, cartazes. Não obstante, a arte é mais uma experiência vivida que aprendida na qual as amarras disciplinares e a distinção entre cultura erudita e popular tornam-na um território de difícil acesso e que cria um abismo ao aguçar de sensibilidades. O cinema somente é colocado na escola como uma atividade complementar, ora para ilustração de conteúdos, ora para preenchimento do tempo. Visto como uma manifestação cultural de lazer, improdutivo, o cinema não tem importância no terreno “sério” e comprometido com a formação intelectual dos jovens. Nada mais incoerente e contraproducente. Milhares de pessoas aprendem história, relações sociais, tensões religiosas por meio do que se passa na sala escura ou na sala de estar pelo DVD.

Essa experiência visual do Cinema, apesar de particular, incita a discussão coletiva mediando possibilidades de leitura do discurso imagético. Há cinco anos venho encaminhando, no âmbito do Curso de Licenciatura em Educação Física da UFS, especialmente nas disciplinas de “História da Educação Física”, “Esporte e Modernidade” e “Educação e Estética”, uma experimentação de uso do cinema que se constitui em uma vivência no âmbito das ideias, das artes, das normas, dos valores, dos sentimentos no campo da cultura. Esse artigo tem por objetivo apresentar um relato das experiências desenvolvidas, apresentando possibilidades de uso pedagógico no âmbito da Educação Física escolar.

Pressupondo que os alunos já possuem uma dada cultura cinematográfica, escolar e esportiva foi preciso demarcar uma relação dialética entre o filme e o espectador, ou entre a(s) mensagem(ns) emitida(s) e o espectador ou sujeito receptor. O Cinema e o Esporte, enquanto produtos e produtores da modernidade, passam por reelaborações, reconstruções, formatações e padronizações técnicas, o que demanda o aprofundamento dessa relação pela experiência orientada.

Em “Esporte e Modernidade”, o objetivo era compreender a dinâmica da modernidade e sua materialização no esporte. Para tanto foram realizadas aproximações a leituras críticas clássicas do esporte, suas conexões com o projeto da modernidade e seus impactos no mundo

contemporâneo, as contradições sociais que o demarcam como espetáculo moderno, suas formas identitárias a partir de diálogos pedagógicos com o Cinema.

Na disciplina “História da Educação Física” montou-se um contraste entre as leituras clássicas da historiografia da área com as novas possibilidades erigidas pelo Cinema. A intenção era mediar o texto (visto como uma produção canônica e científica, portanto uma visão mais aproximada da história “como realmente aconteceu”) com a produção cinematográfica e suas releituras e reorganizações da narrativa e da “verdade histórica”¹.

Em “Educação e Estética”, a proposta foi partir das bases conceituais da estética e seus nexos com a Arte, a Educação e a Educação Física passando pela análise das manifestações artísticas que tomam forma no ambiente escolar e propor tipos de análise pedagógica do fenômeno esportivo e seus reflexos sobre o corpo mediado pela linguagem do cinema. Usando os filmes como mediação para análise foram propostos temas geradores de debate: gêneros; normalidade e deficiência; disciplina e o discurso da superação; torcida e violência; valores e formação da infância; política; identidades culturais e nacionais.

Nas duas últimas disciplinas, usei como roteiro de trabalho pedagógico as orientações de Napolitano (2003). Foram organizadas duas fases para o planejamento e execução das atividades: a primeira incluiu a seleção dos filmes, seu emprego no âmbito do planejamento das disciplinas, a reunião de informações básicas, e a identificação da cultura cinematográfica da classe²; a segunda fase materializou a exibição dos filmes, a preparação de roteiros de análise, a formação de grupos de

-
1. Algumas produções já publicadas são fruto das reflexões urdidas a partir das experiências desenvolvidas nas disciplinas. Ver Dantas Junior (2007, 2009 e 2012).
 2. De modo geral, o questionário que usei para diagnóstico da cultura cinematográfica das turmas do curso de Educação Física me possibilitou estabelecer uma leitura da cultura cinematográfica geral de grande parte da juventude brasileira: assistem filmes predominantemente em casa (DVDs ou TV por assinatura); escolhem o filme para assistir pela novidade, estreia ou lançamento; predominam os filmes de ação/aventura, especificamente os hollywoodianos; não há nenhuma indicação de escolha de filmes com base em diretores preferidos, somente em astros e estrelas.

discussão e a síntese geral dos debates. Nessa proposição não se pretende usar filmes no âmbito das disciplinas somente, mas tornar a assistência de filmes uma atividade da escola que possibilite diálogos interdisciplinares ou mesmo transdisciplinares, portanto não se liga ao tempo escolar das disciplinas específicas, mas sim a um tempo próprio de reunião dos alunos para a sessão de cinema e reflexão. Serão indicadas possibilidades de uso dos filmes de ficção (ainda que alguns “baseados em fatos reais”), não documentários, posto que, de maneira geral as pessoas tendem a confundir os documentários como versões fidedignas da realidade e não uma forma-narrativa que, como a ficção, tem intencionalidades e reorganizam histórias.

Algumas dificuldades e problemas de adequação precisam ser superados para a consecução da proposta. O material para as sessões precisa ser reivindicado e cuidado para o bom uso, ou seja, aparelho de DVD, projetor multimídia, caixas de som são fundamentais, assim como o espaço físico para a realização da atividade precisa ser pensado como uma sala/auditório de “cinema” com a devida organização para tornar a assistência algo prazeroso e confortável. Cômico de que a existência desse espaço e dos materiais ainda é uma quimera em parte das escolas públicas, entendendo que tal reivindicação deve ir à pauta de qualquer discussão de professores, gestores e sindicatos. De igual modo, os filmes em si (DVDs) devem começar a fazer parte do acervo da escola que precisam projetar a necessidade de uma videoteca que contemple a possibilidade do aluno ter acesso a um acervo ampliado de filmes. Com isso, supera-se a crença escolar de que só o livro é um material de formação e desenvolvimento cultural dos jovens. Até isso se tornar uma prática cotidiana, professores e gestores no planejamento das sessões precisarão lançar mão do expediente de aluguel dos filmes em videolocadoras ou uso dos filmes próprios.

Como a proposta não se vincula aos tempos disciplinares, proponho que a escola reserve um dia (todos os sábados!?) no qual tenhamos uma sessão de cinema específica pensada a partir dos diálogos disciplinares, da faixa etária e nível de escolaridade, com a presença de professores das disciplinas que irão dialogar, com inserção no plano de atividades global

da escola e demarcados desde o início do ano letivo (com sua devida flexibilização).

A escolha dos filmes deve: contemplar a articulação entre os componentes curriculares que dialogarão em cada sessão; ressaltar competências e habilidades que deverão ser adquiridas após a exibição e debates dos filmes, bem como ter clareza dos conceitos a serem trabalhados com os alunos e seu vínculo às unidades temáticas planejadas ao longo do ano; adequar-se à faixa etária e nível de escolaridade dos alunos, sobretudo quanto ao nível cultural dos mesmos no que tange ao cinema. O diagnóstico da cultura cinematográfica dos alunos é condição essencial para o sucesso da proposição. Se eles têm o hábito geral de assistir filmes de ação hollywoodianos, não adianta forçar a assistência de “filmes de arte” cujas linhas-narrativas, gramáticas e ritmos não estão habituados. Esse é um processo de transição que necessita amadurecimento da plateia para que possa se efetivar. Entendo que, à medida que a proposta se consolida e se amplia o nível cultural dos alunos, a inserção de filmes de outros gêneros, nacionalidades e ritmos se torna mais fecunda.

Em cada faixa de escolaridade deve-se privilegiar conceitos, habilidades, temáticas, problemas, gestualidades. No primeiro nível de seriação, que compreende a Educação Infantil e o primeiro ciclo do Ensino Fundamental, os filmes devem proporcionar a passagem da imagem como narrativa simples às narrativas mais complexas que são o caso dos filmes longa-metragem. Para tanto, os filmes devem focar na ampliação do nível cultural dos alunos mediando valores e códigos de conduta, o que pode ser dialogado com produções que enfatizem a amizade, o respeito aos grupos de convivência, a tensão com as normas postas e negociadas. Filmes como “*Carros*”, “*Menino Maluquinho*”, “*Deu zebra*” e “*O corcel negro*” possibilitam, a partir das problemáticas de distintos contextos culturais, com distintas modalidades esportivas e “sujeitos”, aprender/dialogar com os temas sugeridos. É possível também nessa fase usar filmes que ampliem o acervo de gestos motores dos alunos mediando os gestos possíveis e a magia do gesto “esportivo-cinematográfico” exposto em filmes como “*Space Jam - o jogo do século*”.

O segundo nível de seriação inclui os quatro anos do 2º ciclo do Ensino Fundamental. Com jovens entrando na adolescência é possível complexificar as análises e estabelecer aproximações do esporte com problemáticas do cotidiano e que oportunizem novas leituras do mundo. Partindo de filmes que ilustram distintas modalidades esportivas como “Boleiros”, “A inocência do primeiro amor”, “Onda dos sonhos” e “Poder além da vida” é possível desenvolver o olhar sobre o mundo e as regras sociais de convivência. No âmbito da análise de choques culturais, tensões sociais de gênero, étnicas e raciais, pode-se utilizar filmes como “Driblando o destino”, “Ela é o cara”, “Juwanna man”, “Duelo de titãs” e “Jamaica abaixo de zero”, além de tencionar com a compreensão da dinâmica social que envolve o mercado esportivo em filmes como os da série “Gol!”.

No terceiro ciclo, que envolve o Ensino Médio encontramos jovens formando compreensões mais elaboradas e estabelecendo conexões concretas entre as diversas áreas de conhecimento. Acirram-se os debates acerca das questões trabalhadas no ciclo anterior, principalmente as afetas ao uso de drogas (“Show de bola”; “Diário de um adolescente”), gênero e orientação sexual (“As damas de ferro”), opressões sociais (“Filhos do paraíso”), choques culturais e identitários (“A bola da vez”; “A Copa”), a indústria do esporte e seus efeitos na vida social de atletas e pessoas que os circundam (“Jerry Maguire – a grande virada”; “Heleno”), indústria que se associa à mídia esportiva na construção do esporte (“Um domingo qualquer”; “O resgate de um campeão”), assim como a compreensão da história na produção e/ou resolução de grandes problemas humanos (“Invictus”). De igual modo, podemos refletir sobre práticas esportivas “possíveis” retratadas sob a lógica da ultraviolência em filmes que enfatizam as distopias ou futuros comandados por Estados totalitários, a exemplo de “Rollerball”, “Corrida mortal” e “Jogos vorazes”. É possível conhecer e aprofundar os elementos que compõem o fazer cinematográfico aos quais os alunos já convivem, mas não se dão conta de sua relevância e possibilidades, a exemplo da música. As trilhas dos filmes possibilitam a aproximação dos alunos com a música clássica, por exemplo, que é uma forma de arte da qual os jovens vem se distanciando. Ao contrário do que

muitos pensam, o não gostar de música clássica articula-se diretamente ao não “educar o ouvido” para suas infinitas possibilidades e variações. Os alunos já conhecem e apreciam, contudo, a falta de percepção da mesma faz com que determinados preconceitos fiquem enraizados no nosso cotidiano³.

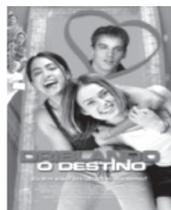
Dessas sugestões, passamos ao desafio que é planejar e operacionalizar as sessões de cinema, inserindo-a no planejamento geral escolar. Primeiro, a fase de planejamento das atividades, que envolve: inserção no planejamento da escola, escolha de filmes para exibição ao longo do ano para cada nível de escolaridade, investigação da cultura cinematográfica das classes com elaboração de exposições de imagens de cinema e de esporte no cinema e um estudo coletivo dos professores que os aproxime de conhecimentos gerais sobre cinema.

Na fase de análise dos filmes, cabe aos professores que mediarão os debates, realizar atividades conjuntas, como assistir antes ao filme e discutir as questões fundamentais e elaborar um roteiro de diálogo cinematográfico de caráter informativo e interpretativo para os alunos. Na fase posterior à assistência do filme e do debate, os professores devem estimular os alunos a formarem grupos de discussão e elaborarem pequenos textos de impressão geral que podem ser resumos, crônicas, poesias ou prosas.

Elaborei, e venho trabalhando há alguns anos nas disciplinas do curso de Licenciatura, um Roteiro de diálogo cinematográfico – inspirado em sugestões de Melo (2006) – que não tem intenção de ensinar a ver ou direcionar o olhar do aluno para o filme, mas que contemple as questões

3. Alude-se aqui diretamente ao que Adorno (1997) denominou de “regressão da audição” (até ao nível fisiológico) pela exposição à música pasteurizada da indústria cultural. Em contrapartida, nas atividades das disciplinas foram feitas experimentações com músicas que foram produzidas para filmes ou incluídas em filmes. Foi possível identificar que os alunos já conheciam músicas de Mozart, Bach, Wagner, Beethoven, Tchaikovsky, Rossini, Strauss (todas incluídas em cenas clássicas do cinema), mas sequer associavam a música ao autor, nem aos filmes assistidos. De igual modo, os alunos tem familiaridade com músicas de grandes compositores de trilhas sonoras, a exemplo de John Williams, mas não associam a música ao autor.

centrais a serem observadas pelos alunos a cada sessão, e que serve como balizador dos debates após a assistência do filme. Abaixo, segue um modelo de roteiro pautando o filme “*Driblando o destino*”:



Roteiro de diálogo cinematográfico

I – Elementos Informativos:	
1.	Título do Filme: <i>Driblando o destino (Bend it like Beckham)</i>
2.	Ficha Técnica do Filme: DRIBLANDO o destino (Bend it like Beckham). Produção: Gurinder Chadha e Deepak Nayar. Direção: Gurinder Chadha. Intérpretes: Parminder Nagra, Keira Knightley, Jonathan Rhys-Meyers, Anupham Kher e outros. Londres: BSkyB; Bend It Films; Fox Searchlight Pictures, 2002. 1 DVD (112 min.), color.
3.	Gênero e Temática: Drama; conflitos familiares
4.	Sinopse da História: O filme trata do sonho de Jesminder Bhamra, que é seguir o caminho de seu ídolo David Beckham e se tornar uma jogadora profissional de futebol. Para realizar esse sonho, ela enfrenta problemas em sua família, que deseja que ela siga os costumes indianos tradicionais, assim como sua irmã mais velha. Após tornar-se amiga de Jules, jovem inglesa também jogadora de futebol, e apaixonar-se pelo treinador irlandês do time de futebol, o ápice do confronto entre as partes se dá quando Jesminder é obrigada a escolher entre a tradição de seu povo e seu grande sonho.
5.	<p>Personagens centrais e função na história:</p> <ul style="list-style-type: none"> – <i>Jesminder</i>: Jovem indiana de tradição sikh, apaixonada por futebol, especialmente pelo jogo de David Beckham, que entra em choque com sua família: dividida entre o desejo familiar de seguir a tradição do casamento e o sonho de jogar futebol profissionalmente. – <i>Jules</i>: Jovem inglesa que joga futebol e torna-se grande amiga de Jesminder, influenciando no alcance do sonho de ambas. Sofre com as desconfianças da mãe acerca de sua sexualidade. – <i>Joe</i>: Treinador irlandês do time de futebol feminino que termina por se configurar como o vértice de um triângulo amoroso com Jules e Jes.
6.	Biografia e filmografia do Diretor: Gurinder Chadha é uma diretora de ascendência indiana, nascida no Quênia. Sua filmografia vem se direcionando para a exposição da cultura indiana em contraste com o mundo ocidental e o papel da mulher nesse contexto. Suas obras seguintes a “ <i>Driblando o destino</i> ” são: “ <i>Bride & Prejudice</i> ” (2004); “ <i>Gatos, fios dentais e amassos</i> ” (2008).

II – Orientações Pedagógicas:
1 - Faixa etária e nível de escolarização: 15 a 17 anos (Ensino Médio)
2 - Temática: Esporte e Identidades culturais
3 - Restrições: Sem restrições.
4 - Conjunto de questões a observar: <ul style="list-style-type: none"> - Como o filme mostra a habilidade no futebol de algumas jovens do time, especialmente Jesminder; - Como é exposta a relação entre Futebol e masculinidade e os comentários que circulam no filme; - Atenção à visão de homem (compreensivo e “boleiro”) e de mulher (rígida e “dona de casa”) que se materializa no filme, sejam ingleses ou indianos; - Qual a representação da mulher, em relação ao futebol, que os alunos possuem; - O Futebol como arte (Jess) e o cozinhar como arte (mãe); - Debater os choques culturais entre o oriente e o ocidente; unidade e diversidade; defesa de interesses individuais e coletivos (familiares); diferenças étnicas, religiosas e de gênero.
5 - Outros Elementos de destaque: <ul style="list-style-type: none"> - A trilha sonora propicia um diálogo interessante entre a música pop inglesa e a música indiana; - Discutir quais os problemas para se filmar/coreografar os jogos e treinos de futebol no filme; - Oportunizar o aprofundamento do que se conhece do futebol europeu, percebendo a participação de astros ingleses de outrora como Gary Lineker e John Barnes; - Estimular o debate interdisciplinar com a História e a Sociologia compreendendo a constituição do império britânico na Índia e a imigração de indianos e paquistaneses para a Inglaterra; - O que é Críquete? Como se joga? - Comparar a representação da cultura indiana no filme e na telenovela “<i>Caminho das Índias</i>”; - Atentar para a formatação do Cartaz e do Título original e brasileiro.

Aos professores cabe um esforço de análise filmica feita para aprofundamento do conhecimento que contemple: uma fase de pesquisa que busque as origens do filme-tema e suas intenções, as contribuições do diretor ao cinema e ao tema, bem como dos atores envolvidos com a produção; uma fase de primeira assistência que envolva uma reconstituição da história, uma delimitação da função dos personagens na trama e das mensagens expressas como conceitos, valores e ideias no filme; uma fase de segunda assistência que envolva

aprofundamento em características técnicas relevantes nos filmes (trilha sonora, fotografia, cenários, roteiro).

Ao final do ano letivo, a escola pode realizar um evento de culminância das atividades, um grande festival de artes que envolva exposições, gincanas, jogos, projeção de filmes e/ou fotografias de autoria dos alunos. Tais eventos oportunizariam aos alunos sentirem-se partícipes do seu próprio processo de formação através da arte e do esporte.

Postas essas indicações, ressaltamos ainda que há um projeto de pesquisa sendo conduzido no âmbito do Mestrado em Educação da UFS, que propõe fazer um amplo diagnóstico de filmes que tematizam o esporte e suas possibilidades de uso formativo na escola, e que já apresenta alguns resultados no que se refere ao quantitativo de filmes e sua inserção no plano das modalidades esportivas. Privilegiamos filmes para uso no formato de DVD, existentes em videolocadoras aracajuanas e/ou disponíveis no comércio.

Acatamos as sugestões de Melo (2006) ao classificar os filmes com esporte em três bases: filmes cujo esporte seja o tema central, filmes cujo esporte tenha importância/relevância na trama, e filmes nos quais o esporte é citado ou aparece em alguma cena. Utilizando somente as duas primeiras já foram catalogados, até o momento, 255 filmes divididos nas categorias modalidades esportivas, esportes paralímpicos, esportes de inverno, jogos olímpicos (entorno político) e esportes fictícios.

A listagem que vem sendo elaborada tem por objetivo ampliar possibilidades de escolha por parte das escolas e dos professores, não tendo intenção norteadora e imperativa. Entendo que as dimensões educativas postas pelo cinema devem ser exploradas pelas escolas. Concordo com Ferrés (2000) que, em uma sociedade do espetáculo pautada em imagens em movimento e com infinitas formas de sedução extramuros escolares, é preciso criar novas formas de sedução. Para tanto, o autor propõe a metáfora do autista, pois todo processo de ensino-aprendizagem propõe fazer os sujeitos saírem de si mesmos, renunciar aos seus próprios esquemas emotivos e cognitivos e estabelecer novas formas de comunicação com o mundo sem, contudo, perder a sua individualidade e suas particulares maneiras de lidar com o mesmo.

Enquanto proposta em curso, a intenção deste texto é abrir fronteiras ao debate e às críticas. Entendo que uma educação por meio da arte pode proporcionar o desenvolvimento do ato de julgar pelo estímulo aos novos olhares acerca da vida e da realidade. A arte pode e deve ampliar a diversidade cultural, posto que a redução da percepção do outro limita meus horizontes de contato e alimenta práticas e ideias intolerantes, assim como a redução da capacidade de pensar está diretamente vinculada à redução da capacidade de sentir. Por fim, entendo que a escola deve buscar desenvolver a autonomia dos sujeitos encontrando o justo equilíbrio entre razão e sensibilidade. O Cinema e o Esporte são vias fecundas para esse desafio.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. O fetichismo da música e a regressão da audição. In: _____. **Os Pensadores**. São Paulo: Nova Cultural, 1997, p. 65-108.

DANTAS JUNIOR, H. S. Rebeldia juvenil e cinema: uma tradição inventada no século do espetáculo. XXIV Simpósio Nacional de História. **Anais...**, São Leopoldo: Unisinos, jul. 2007. 1 Cd-Rom.

_____. Cinema-História: diálogos necessários na compreensão da história da educação do corpo. In: KUHN, R. et al. **Educação Física, Esporte e Sociedade: temas emergentes**. São Cristóvão: UFS, 2009. p. 95-113.

_____. Futebol e ditadura: representações no cinema brasileiro. **O Olho da História**, Salvador, n. 18, jul. 2012, p. 1-8.

FERRÉS, J. **Educar en una cultura del espectáculo**. Barcelona: Paidós, 2000.

MELO, V. A. **Animação cultural: conceitos e propostas**. Campinas: Papirus, 2006.

NAPOLITANO, M. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2003.

Recebido: 13 março 2013
Aprovado: 08 abril 2013
Endereço para correspondência:
Hamilcar Silveira Dantas Junior
José Deodoro dos Santos, 155, Cond. Absolutto, Bl. Supremo, apto. 001
Bairro Luzia
Aracaju - SE
CEP: 49045-390
hamilcarjr@hotmail.com